

ESTUDO DO RENDIMENTO ESCOLAR DOS ALUNOS DA NONA CLASSE NA ESCOLA NO. 314 DO KUITO-BIÉ, ANGOLA

RENDIMENTO ESCOLAR DOS ALUNOS NA ESCOLA NO. 314 DO KUITO-BIÉ,
ANGOLA

AUTORES: Francisco Isaac¹

Ulises Mestre Gómez²

DIRECCIÓN PARA
franciscoisaac12@yahoo.com.br

CORRESPONDENCIA: E-mail:

Fecha de recepción: 30-01-2014

Fecha de aceptación: 24-02-2014

RESUMO

Um dos principais objectivos da Escola de Formação de Professores é a preparação básica integral dos jovens que serão os futuros mestres e professores, aos quais será incumbida a espinhosa missão de educar as futuras gerações de crianças, adolescentes e jovens, nos altos padrões da ciência, influenciando de forma positiva na sua forma de pensar, sentir e actuar de acordo com os objectivos preconizados pela educação e não só, como também pelo projecto social angolano. Motivar os alunos para o estudo, preparação das aulas e avaliações, não se tem apresentado numa tarefa fácil.

PALABRAS CLAVE: rendimento escolar; formação de profesores; preparação básica integral

STUDY OF THE SCHOOL INCOME OF NINTH GRADE STUDENTS FROM SCHOOL No. 314 OF KUITO-BIÉ, ANGOLA

ABSTRACT

One of the main objectives of the School of Formation of Teachers is the youths' basic integral preparation who will be the futures masters and teachers, to the which the thorny mission will be assigned of educating the future generations of children, adolescents and young, in the high patterns of the science, influencing in a positive way on his/her form of thinking, to feel and act in agreement with the objectives extolled by the education and not only, as well as for the Angolan social project. To motivate the students for

¹ Docente de História na Escola de Formação de Professores Marista S. José do Kuito Bié, Angola. Doutorante da Universidade de Las Tunas, Cuba.

² Doutor em Ciências Pedagógicas. Coordenador de Publicações e Eventos do Centro de Estudos de Didática da Universidade de Las Tunas, Cuba. E-mail: umestre@ult.edu.cu

the study, preparation of the classes and evaluations, she have not been presenting in an easy task. The students' school income in this Institution, in the last five years, imposes in the a lot of reflection, because it demonstrates clearly, that there is some thing that doesn't walk well at this School, for the that if it turns urgent to analyze the phenomenon with objectivities, similar of correcting as early possible the problem of the excessive disapprovals that there happen.

KEYWORDS: school income; professors' formation; basic integral preparation

INTRODUÇÃO

Angola, é um país situado na África Austral, ocupa uma área de 1.246.700 km² e cuja população esta acima dos 14 milhões de habitantes. É um país plurilíngüístico, onde o português é considerado como a língua oficial e de comunicação entre os angolanos, apesar de existirem outras Línguas nacionais como por exemplo: Umbundu, Kimbundu, Kikongo, Tchokwe e N'gangela. O ensino formal, é feito na língua portuguesa, no entanto existem a nível governamental discussões sobre a possibilidade da inclusão de línguas nacionais no currículo. Angola foi, durante cerca de 5 séculos, colónia portuguesa e conquistou a sua independência a 11 de Novembro de 1975. O compromisso com a educação, para todos os angolanos, constituiu num projecto que remonta desde a luta de libertação nacional, tendo sido reafirmado após a independência nacional, mantendo-se, apesar de todas as vicissitudes de ordem conjuntural e estrutural pelo que tem passado o País ao longo dos seus 35 anos da sua independência.

A lei constitucional angolana consagra a educação como um direito para todos os cidadãos, independentemente do sexo, raça, etnia e crença religiosa. Em 1977, dois anos após a independência nacional é aprovado um novo sistema nacional de educação e ensino cuja implementação se iniciou em 1978 e que tem como princípios gerais os seguintes:

- Igualdade de oportunidades no acesso e continuação dos estudos
- Gratuitidade do ensino a todos os níveis
- Aperfeiçoamento constante do pessoal docente.

Este sistema é constituído por um ensino geral de base de 8 classes (das quais as 4 primeiras, obrigatórias), por um ensino pré universitário com seis semestres, um ensino médio de 4 anos (com dois ramos, técnicos e normal) e um ensino superior.

Em 1977, Angola dispunha apenas de cerca de 25 mil professores com uma formação muito deficitária. O maior impacto tangível do novo sistema de educação constitui numa explosão escolar que se traduziu na grande afluência da população às escolas, pois se em 1974 estudavam cerca de

meio milhão de angolanos, em 1980 esse número era já superior a 1,8 milhões.

Não foi possível manter esses indicadores, pois que o país, apesar de independente continuou em guerra com acções armadas, cujas consequências se faziam sentir principalmente nas zonas rurais. Efeitos profundamente nocivos reflectiram-se nas infra-estruturas escolares. Inúmeras escolas foram destruídas.

DESENVOLVIMENTO

Em 1986, foi efectuado pelo Ministério da Educação um diagnóstico do Sistema de Educação que permitiu fazer um levantamento auscultação das debilidades e necessidades do sistema.

Com base nesse diagnóstico chegou-se à conclusão da necessidade de uma nova reforma educativa e foi possível então, traçar as linhas gerais para a mesma.

Em 1990, Angola abandona o sistema mono partidário e envereda para o sistema político multipartidário o que acarretou mudanças na política educativa. A guerra em Angola sempre foi uma constante desestabilizadora e provocadora de um empobrecimento cada vez maior do Estado, das Populações e da já escassa rede escolar.

Grandes fluxos de população dirigiram-se para as cidades consideradas mais seguras, o que aumentou a já grande concentração de população nas capitais de certas províncias nomeadamente, Lubango, Benguela, e principalmente Luanda. Assim, mais de metade da população escolar distribui-se pelas províncias de Luanda (30%), Benguela (11,4%) e Huíla (13%). Nas restantes províncias, essa frequência não alcança os 10%. A frágil e sobressaturada rede escolar do país sucumbe, essencialmente nas províncias citadas. Em Luanda, há muito que não existe a classe de iniciação.

A pirâmide de população escolar no Ensino de Base tornou-se bastante larga na base enquanto no topo ficou muito estreita, havendo 70,4% no 1º nível, 10,9% no 2º nível e 5,8% no 3º nível.

De 1990 à 1992, a taxa bruta de escolaridade atingiu cerca de 82% no ensino primário, no país.

A partir de 1992, a situação piora estimando-se que o número de crianças em idade pré-escolar ultrapassa dois milhões, mas somente 1% dessas crianças têm possibilidades de acesso.

No ano lectivo 1994/95 foram matriculados cerca de 101 mil crianças, o que equivale a uma taxa bruta de matrículas na ordem dos 15%. A população em idade escolar dentro do Sistema Escolar, dos 6 aos 14 anos era de 4.290.000 e fora do sistema era de 2.020.442, isto é 41,3%.

No ano lectivo de 1996, da população angolana em idade escolar dos 6 aos 14 anos, cerca de 70% corria o risco de cair no analfabetismo, por falta de oportunidades de acesso à rede escolar.

Segundo estimativas, a taxa de analfabetismo era de 60%. A população analfabeta com mais de 15 anos em 1995 foi estimada em cerca de 4 milhões de pessoas das quais 2,5 milhões são mulheres.

Para atenuar o fraco poder de absorção da rede escolar, foram criados no ensino primário, o horário triplo e as turmas pletóricas, com 60 a 80 alunos.

Se por um lado a solução encontrada para atenuar os efeitos do fluxo estudantil foi a criação de horários triplos e turmas pletóricas com 60 a 80 alunos, esta solução paliativa trouxe consigo outros problemas: a margem deste fluxo estudantil emergiu a necessidade de uma larga campanha de recrutamento do pessoal docente, parte do qual apesar de carecer de uma formação adequada para os desafios que se colocavam, não possuía vocação para as tarefas de instruir e educar. Além de mais a escolha para as disciplinas a leccionar para alguns destes novos agentes de ensino, era a bel-prazer, isto quer dizer que de forma emocional as pessoas escolhiam aquelas disciplinas “que se julgavam serem as mais fáceis”. E como era de esperar as consequências não tardaram a surgir: fraco aproveitamento para os escolares expostos em mãos de alguns destes novos agentes de ensino. Independentemente desta situação, um outro fenómeno surgiu: aulas dadas sem regras consignadas na Pedagogia.

Surgem assim métodos, recursos, técnicas de comunicação inadequadas as características da turma ou de cada aluno, fazendo parte igualmente de um vasto leque de causas que conduziram para uma deficiente relação pedagógica e influenciou negativamente nos resultados.

Os professores no início do ano criavam expectativas positivas ou negativas sobre os alunos o que acabava por influenciar o desempenho escolar. Embora não sejam os professores a inventar os bons e os maus alunos, as investigações de Rosenthal e Jacobson, demonstraram que os preconceitos destes, são muitas vezes inconscientes, prejudicando muitas vezes os alunos sem que os professores se apercebam. Uma coisa é certa, os alunos baixamente expectados são mais prejudicados do que são favorecidos os altamente expectados. Ora, acontece que os alunos de estatuto sócio-cultural mais baixos, são os mais negativamente considerados, tornando-se as principais vítimas das expectativas negativas ou baixas. Os alunos mais baixamente expectados são em geral mais mal tratados pelos professores.

Um outro problema, para além dos anunciados constitui a gestão da disciplina na sala de aulas que sem sombra de dúvidas pode condicionar o rendimento escolar dos alunos. Contudo estamos longe de mais para afirmarmos que uma aula completamente disciplinada seja aquela onde o

conceito insucesso esta proibido de se usar.

A dificuldade dos novos agentes de ensino em lidarem com fenômenos de transferência, foi conduzindo por vezes à situações com graves reflexos no aproveitamento dos alunos. O docente ao ser identificado com o pai versus mãe, que o aluno se desejava afastar, torna-se no alvo contra o qual o aluno dirige toda a sua agressividade, gerando deste modo permanentes conflitos na sala de aulas, conduzindo-o ao insucesso.

Todos estes aspectos levaram os alunos a pensarem que as coisas eram feitas do jeito como estavam a ser expostas pelos professores. Por exemplo para se dar uma aula no domínio das ciências humanas bastava ditar o conteúdo, pronto tudo estava feito. Assim foi surgindo a necessidade urgente da formação de formadores.

Um dos principais objectivos da Escola de Formação de Professores é a preparação básica integral dos jovens que serão os futuros mestres e professores, aos quais será incumbida a espinhosa missão de educar as futuras gerações de crianças, adolescentes e Jovens, nos altos padrões da ciência, influenciando de forma positiva na sua forma de pensar, sentir e actuar de acordo com os objectivos preconizados pela educação e não só, como também pelo projecto social angolano.

Assim é que para este extracto social da população angolana, necessita-se de um ensino de Historia, a partir do qual o professor com a sua habilidade profissional, facilite as condições, provoque situações, clarifique acções para que o aluno compreenda a lógica das coisas, elabore o conhecimento, aprenda a pensar, sentir e actuar com o estilo que lhe é peculiar de aprendizagem, mediante a reconstituição do conhecimento histórico, ensinar-lhes a pensar historicamente, no que tenha visto no passado, senão

de maneira activa, ensinar-lhes a actuar de forma social, comprometer-se com o seu presente, com o seu espaço temporal, concreto e específico.

Para a eficiência do acima exposto, exige-se dos alunos, uma atitude de relevância perante as tarefas que se lhes são acometidas pelos professores.

Os factos históricos, provam por si próprios, que a atitude dos alunos ante as tarefas dos professores, constituiu uma problemática para todas as épocas históricas, pelo que até aos dias que correm, ainda constitui preocupação para os pedagogos e psicólogos, encontrarem os métodos que garantam a solução da preocupação dos alunos perante as tarefas do estudo.

Não tem sido facil, motivar os alunos para o estudo. Até porque há alunos que apesar de frequentarem a escola, terminado o dia academico, pegam no material escolar e jogam-no para qualquer cantinho da casa.

Apesar de ser um lado complexo do processo de ensino e aprendizagem, reconhecemos que tem implicações pessoais e sociais, porém queira sim ou

não, esta tarefa (motivar os alunos para o estudo) assume-se como fundamental, para qualquer disciplina, pois dela depende em grande medida a eficiência do aluno.

Os inquéritos que têm sido feitos aos alunos do primeiro ciclo do Ensino secundário com respeito as disciplinas curriculares, apresentam normalmente alunos que se mostram sempre hostis a disciplina de história.

Para uns, a Historia se apresenta como a disciplina de muitos apontamentos.

Para outros, as aulas de Historia, são as mais exigentes em termos de memorização. Enquanto um grupo é partidário a ideia de que aprender Historia, é sinónimo de decoração excessiva de datas, muitos nomes de pessoas e batalhas. Por esta razão, motivar os alunos para o estudo, preparação das aulas e avaliações, não se tem apresentado numa tarefa facil. Alias os resultados das avaliações contínuas e finais, em muitas ocasiões falam por si.

Sabemos que a Historia é a ciência que estuda a vida dos povos através do tempo. Logo o ensino da Historia dá a possibilidade de se conhecer o passado, compreender o presente e projectar o futuro. Tudo isto permite que o homem com o estudo da História se iniba de repetir os erros do passado.

A Historia se torna na portadora do sentido de comunidade compartilhada de uma visão do mundo e de um saber viver que ultrapassa a própria individualidade da pessoa, e seu próprio presente.

O Ensino da História permite que a pessoa adquira os conhecimentos indispensáveis para a sociedade onde ele se encontra inserido, tenha sentido e realidade.

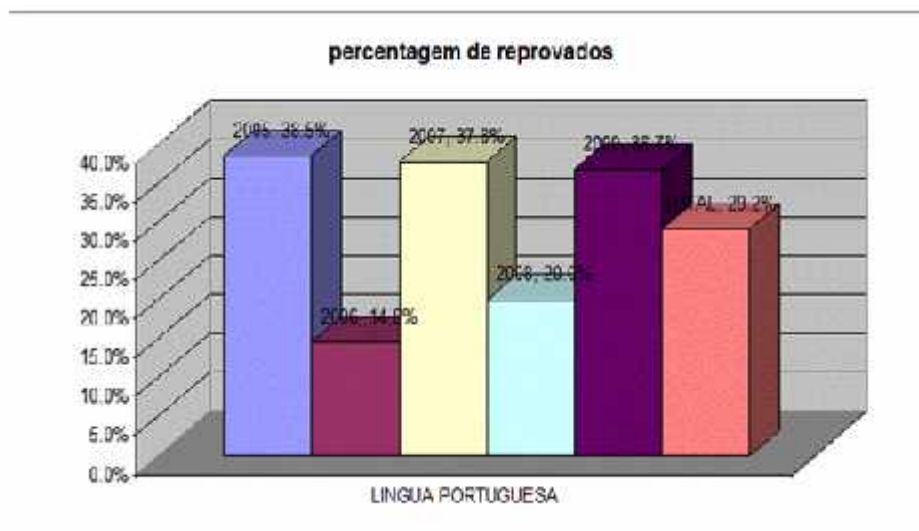
De forma alguma a Historia deve ser entendida como um simples atafulhar de datas, nomes e batalhas.

Todo um acto de convivência incluindo o significado para a existência humana, tem historia. Logo em todas as manifestações humanas há uma atenção da história. Assim é que: na linguagem, na religião, na economia, na política, na moda, no amor, no trabalho, no estudo, etc., estão as atenções da Historia

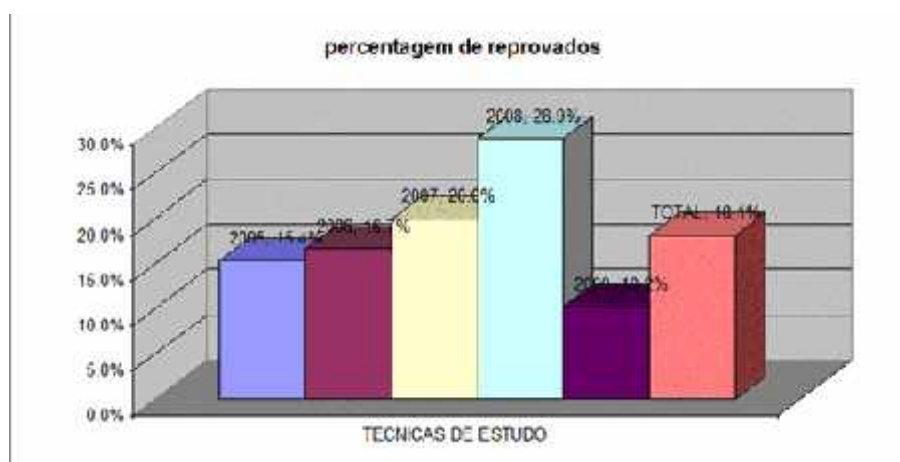
Partindo desta realidade o quadro devia apresentar-se mais brilhante. Contudo como observaremos mais adiante com os gráficos que se seguem estes apresentam uma realidade diferente. Vejamos que figurinos apresentam os gráficos:

O que nós observamos na disciplina de Língua portuguesa é uma oscilação muito grande do rendimento escolar durante os 5 anos. Apesar dos gráficos preocuparem o observador atento a este contexto, a maior preocupação recai para além disso ao facto de que o impacto que tem o fraco rendimento

escolar nesta disciplina tem reflexos imediatos nas outras cadeiras do plano curricular, uma vez que o ensino em Angola, é feito na língua portuguesa, como língua oficial. Logo qualquer deficiência que tiver que se registar nesta disciplina, tem reflexos imediatos no restante sistema. Assim é que quanto maior for o aproveitamento nesta cadeira, melhor será o rendimento noutras disciplinas.



Neste gráfico a oscilação é notória e como se observa, aos anos 2007 e 2009, são os mais críticos por apresentarem índices elevadíssimos de reprovações, logo a situação demonstra que há necessidades de se avaliar convenientemente o problema, e saber o que realmente se esta a passar nesta sala de aulas, pois na nossa modesta opinião o fenómeno devia acontecer de forma inversa, porque, a 9ª classe representa a ultima classe do ensino secundario do primeiro ciclo e logo não se colocam problemas de adaptação, porque o aluno esta na escola a mais de 3 anos, conhece bem a realidade da Escola e não precisa de enquadramento.

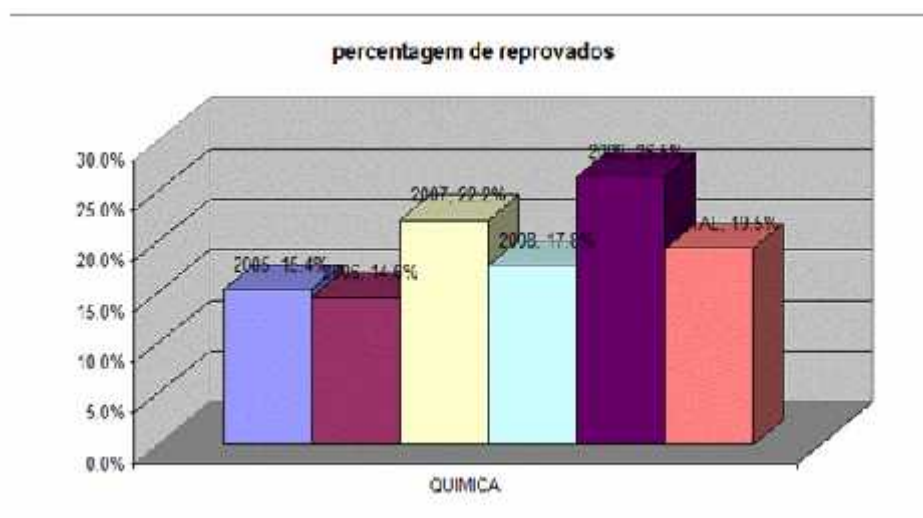


A disciplina de Técnicas de Estudos apresenta uma ascendência acentuada

nas reprovações atingindo o ponto mais alto no ano 2008. Se no princípio o fenômeno reprovações estava na casa dos 15%, a verdade é que a medida dos anos o problema continuou a subir para depois notar-se uma redução para 10.2%. Aqui também a semelhança do que se disse nas outras ocasiões, é importante questionar-se porque razão houve esta redução tão repentina? Que métodos foram utilizados para que se mudasse o curso das reprovações.

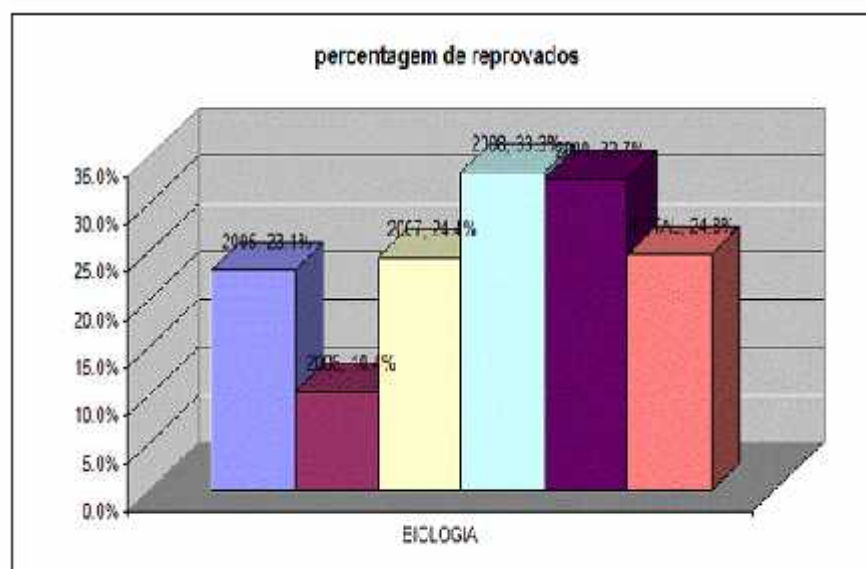
No presente gráfico há uma tendência de subida no primeiro ano, porém a partir do segundo ano o fenômeno reprovação baixa bruscamente, tornando a subir de forma vertiginosamente no terceiro e quinto ano. Apesar desta oscilação, nesta disciplina há necessidade permanente de investigar o fenômeno reprovação.

Neste gráfico observa-se uma acentuação nas reprovações no quarto e quinto anos. Há necessidade de se averiguar a razão de ser destas reprovações altas nestes dois anos.

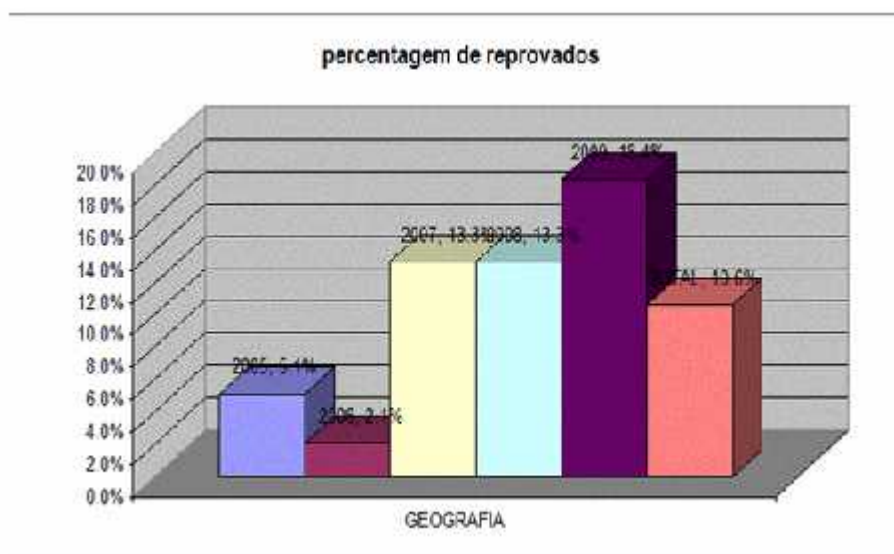


Na disciplina de Química, como se pode apreciar, o gráfico é ascendente embora com algumas oscilações pouco acentuadas. Há que diagnosticar a razão de ser deste gráfico ascendente. Que motivos estão por detrás desta ascendência no insucesso escolar nesta classe. Embora o fenômeno não seja tão relevante como acontece no rendimento apresentado nos gráficos anteriores, mesmo assim há que preocupar-se com o assunto.

Se no gráfico anterior o insucesso escolar apresentado, demonstrava uma redução, gradual do fenômeno reprovação, aqui na Biologia há uma tendência de subida na percentagem de reprovações.



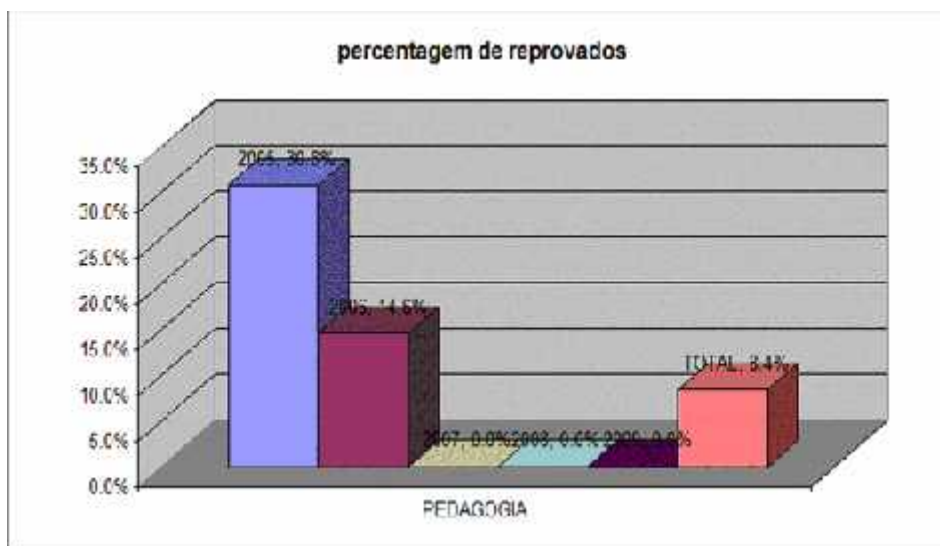
Como podemos observar, no segundo ano o fenómeno reprovação baixa consideravelmente, porém um ano depois é notória a subida nas reprovações. Em qualquer que seja o sistema educativo, se colocam perguntas em relação a razão de ser desta subida do insucesso escolar.



Quanto a disciplina de Geografia, embora se note uma ascensão no insucesso escolar, o fenómeno não é igual aos gráficos anteriores. Começasse com uma pequena subida, depois uma redução brusca, retornando posteriormente com uma subida brusca, atingindo índices elevados no último ano. Não obstante estes dois índices mais baixos até agora vistos, o fenómeno não se deve apreciar com ligeireza. O que observamos na disciplina de Geografia, impõe a necessidade do acompanhamento do rendimento escolar dos alunos para se conhecer melhor

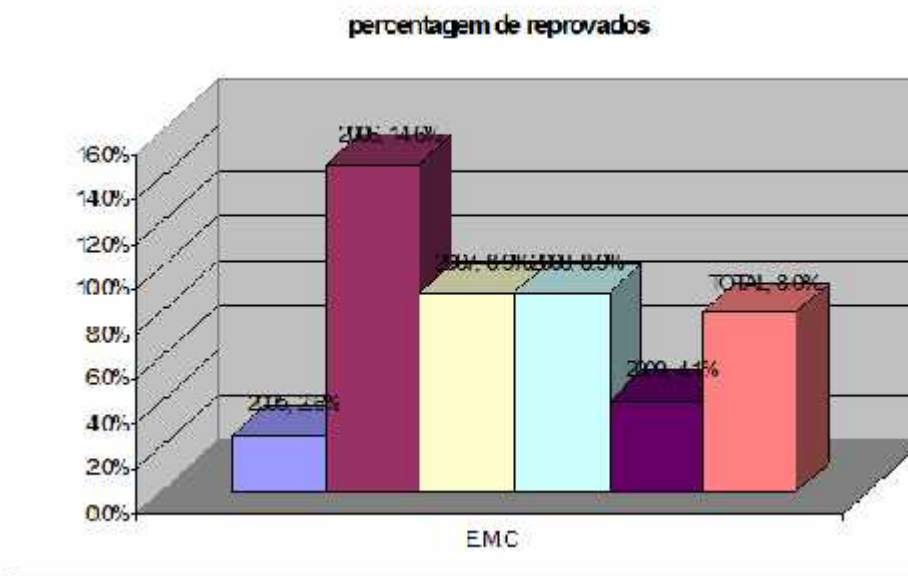
as razões que de ano para ano permitiram o aumento do índice de reprovações.

A disciplina de Pedagogia, aparece com uma leitura contrária em relação a todas até então vistas. Começa com um acentuado índice de reprovações terminando com um nulo nos três últimos anos. É algo positivo em termos de rendimento escolar, porém o fenómeno exige algumas explicações com relação a esta brusca redução nas reprovações. Que fenómeno teria ocorrido para que a situação tivesse mudado tão rapidamente? Que métodos teriam sido aplicados para mudar o curso das reprovações registradas nas outras cadeiras? E porque não aproveitar esta metodologia para outras situações?

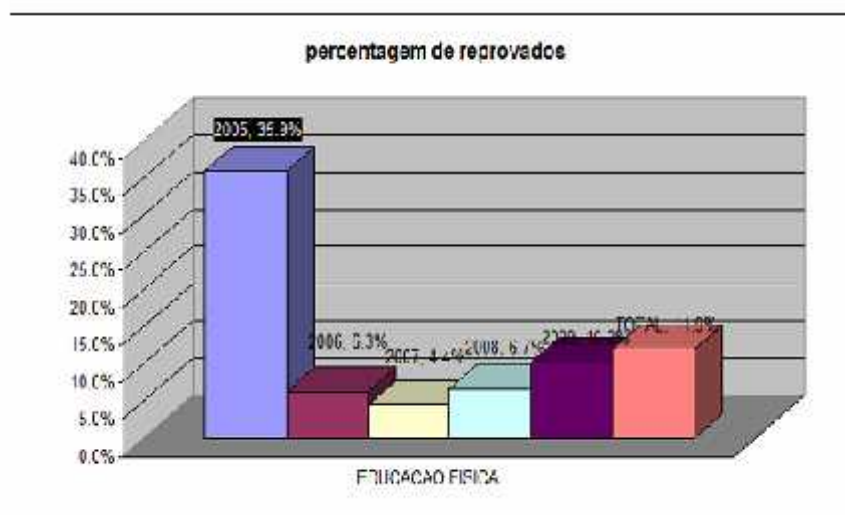


Se no princípio o fenómeno reprovações estava na casa dos 23.1%, a verdade é que a medida dos anos o problema continuou a subir atingindo os 33%. Para um bom leitor pode deduzir que há um ascendente. Por quê?

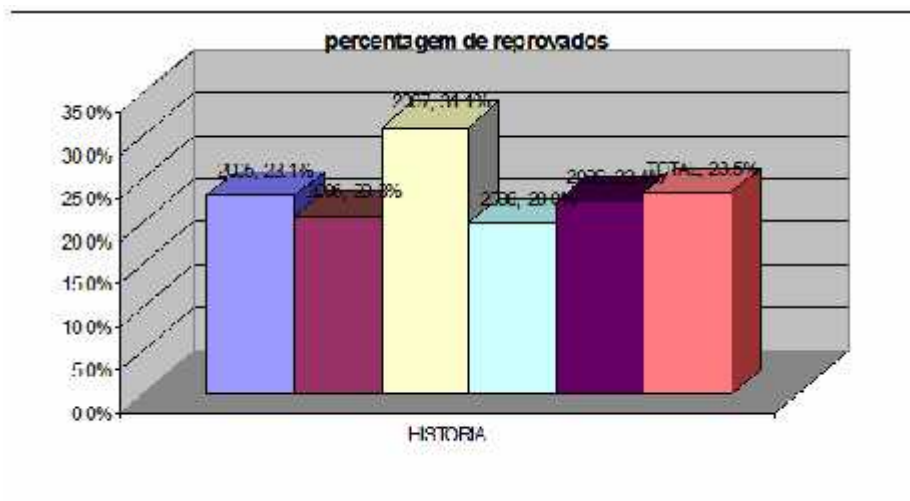
Quanto a disciplina de EMC, o gráfico do rendimento escolar apresentado é interessante, não pelo facto de a disciplinar apresentar o valor mais baixo de reprovações até agora observado, mas pelo facto de que o insucesso começa muito reduzido no primeiro ano, atinge o seu auge no segundo e daí em diante há uma redução paulatina até atingir os 4.1% no ultimo ano. Não deixa igualmente de merecer atenção pois este processo de sobe e deixo precisa de esclarecimento.



O gráfico da disciplina de Educação Física, é igualmente interessante, na medida em que começa com o aproveitamento escolar muito baixo no primeiro ano, e logo depois há uma queda brusca nas reprovações, até ao último ano. É interessante observar este fenómeno, porém não deixa de impor uma análise minuciosa em relação aos motivos que levaram esta redução tão brusca e acentuada no Insucesso escolar.



A História é das poucas disciplinas que menos oscilação apresentou em termos de redução no insucesso escolar, apesar de situar-se entre as disciplinas que estão no topo dos maiores índices de reprovações. Embora não seja ela a liderar as reprovações, a verdade é que impõe um diagnostico para se conhecer as verdadeiras razões que mantêm quase inalteráveis as percentagens no aproveitamento escolar dos alunos em causa.



Como acabamos de apreciar os gráficos que caracterizam o rendimento escolar nesta Instituição, o aproveitamento acadêmico dos alunos impõe-nos muita reflexão, pois demonstra claramente, que há alguma coisa que não caminha bem nesta Escola, pelo que se torna urgente analisar-se o fenômeno com objectividade, afim de se corrigir quanto cedo possível o problema das reprovações excessivas que ali ocorrem.

Uma outra questão se pode colocar na razão de ser da nossa preocupação em relação a nossa pesquisa sobre os maus resultados na disciplina de Historia, ao invés de se analisarem cadeiras que estão no topo das maiores reprovações. A nossa explicação pode ser simples:

A verdade é que decidimos investigar a Historia porque apesar de aparentemente ser das disciplinas mais fáceis, ela é encarada nas nonas classes como um calcanhar de Aquiles.

Normalmente em vésperas de avaliações, os alunos ficam mais aflitos quando ocorrem provas de Historia, do que em outras disciplinas que aparentemente são tidas como as mais difíceis, tais como a Matemática, Física e Química que segundo alguns alunos as acham serem mais pragmáticas, com pouco conteúdo e que tem mais exercícios práticos do que teoria por excesso.

Segundo alguns alunos entrevistados, dizem, por exemplo, que todas as disciplinas que fazem parte das ciências exactas, não se estudam, enquanto que as ligadas as ciências humanas ou sociais são, para eles as que mais problemas apresentam em termos de rendimento, não obstante os gráficos apresentarem o inverso desta conclusão dos alunos.

Para termos uma idéia geral em relação a maneira como os alunos encaram a disciplina de Historia neste nível de Ensino, apresentamos o resultados de um inquérito feito aos alunos de 3 turmas distintas da 9ª classe da referida escola e que nos apresentaram os seguintes resultados:

Alunos participantes no inquérito: 144

Alunos que já ouviram falar de Historia: 144

Alunos que começaram a estudar a Historia a partir da 4^a classe do ensino primário: 144

Alunos que responderam positivamente que gostam da Historia: 50

Alunos que responderam negativamente que não gostam de Historia: 94

As razões evocadas para não gostarem da Disciplina de Historia são:

- Muitas datas, nomes e batalhas são exigidas para a memorização.
- Grande parte de professores de Historia fala muito ao invés de ir para coisas mais praticas.
- Muito conteúdo programático na disciplina.
- Os professores obrigam fazer muito ditado, apesar da existência de manuais de apoio a disciplina.

Tomando em conta os elementos apreciados nos gráficos que traduzem o interesse ou não pela disciplina de Historia, podemos produzir algumas interrogações com relação ao problema:

- Como ensinam os educadores?
- Como os professores destas classes utilizam alguns métodos de ensino?
- Uma vez que a aversão contra a disciplina de historia parte das classes anteriores a 9^a classe, isto é na 4^a, 5^a, 6^a, 7^a e 8^a classes, a partir das quais o aluno entra pela primeira vez em contacto com a disciplina de Historia, teriam os professores desta disciplina nas classes apresentadas, utilizado um mesmo método de ensino, nos vários grupos de alunos, de varias ou da mesma idade, num mesmo ambiente sócio cultural, onde se possam identificar níveis de desenvolvimento e capacidades intelectuais mais ou menos semelhantes?
- Por quê razão alguns professores utilizam de forma insistente, o método expositivo, ao invés do uso de meios gráficos, símbolos, quando há alunos que só necessitam da perícia da sua arte como professor, para atingirem os resultados propostos?
- Qual é o segredo que alguns professores possuem para conseguirem triunfar e fazer triunfar os seus alunos?
- Quê razão fundamental afecta alguns professores que mesmo reconhecendo neles um elevado nível de preparação teórica, não conseguem motivar os seus alunos, porém ao contrário, docentes aparentemente com pouca experiência e inteligência conseguem influir

de forma positiva para que os alunos se interessem para a actividade de estudo?

- Por que razão professores com a mesma especialização, uns conseguem levar para os seus alunos, uma alta motivação e fazer funcionar a sua sala de aulas, enquanto, outros conduzem os seus alunos para o ócio, o tédio e o fastidio?

Aparentemente, não se torna tão difícil responder-se as questões que se colocaram mais acima. Podemos deduzir rapidamente que seria utopia, se considerássemos que todos os professores possuem características e estilos iguais para o processo docente e educativo. Portanto estas particularidades que são singulares para cada um dos docentes ou educadores têm uma grande influência nos níveis de motivação como também no processo de aprendizagem dos alunos.

Assim se torna correcto entender que na actividade docente, o professor, ou educador, ensina com vários métodos, procedimentos e técnicas que lhe são peculiares e que o aluno aprende mal, não somente quando o professor expõe de maneira verbal senão mesmo quando este actua de forma improvisada e espontânea, sem uma orientação do seu pensamento, pois a aula não deve ser encarada como uma forma desorganizada do processo docente e educativo.

É natural e lógico afirmar que um aluno aprende bem, não porque sobre ele está a actuar um professor, mas sim porque o aluno sabe pensar, porque lhe é ensinada a forma de pensar, porque o professor facilita a oportunidade deste explicar e argumentar, o serve de modelo, o orienta como devem ser feitas as coisas, caso não tenha experiência, facilita as situações de aprendizagem, enfim o serve de guia. Longe de os dois (professor e aluno) serem colocados no mesmo barco, o aluno aprende a partir de um movimento interior, intelectual, vontade para actuar sobre o social (conteúdos e objectos de conhecimento) e o faz com o seu individualismo, a sua maneira e com o seu estilo pedagógico.

Uma vez que cada pessoa é uma individualidade própria, somos apologistas de que apesar do seu estilo pessoal, o professor tem por obrigação, a missão de facilitar as condições, provocar e orientar as situações ao redor da aprendizagem do aluno, clarificar as acções para que o aluno compreenda a lógica, elabore o conhecimento, aprenda a pensar, actue sobre o mundo que o rodeia, com eficácia. O aluno não pode ser encarado como algo estático. Alias como dizia um autor anónimo “O homem não é um estereotipo um decalque, um modelo feito de uma vez por todas. É sensível, evolutivo, histórico, espiritual e biológico”.

CONCLUSÕES

Os reflexos desta conjuntura se foram fazendo sentir no rendimento escolar dos alunos aos vários níveis pelo que para se suprir este problema o governo de Angola com apoio das várias organizações internacionais ligadas a educação ciência e cultura e outras parcerias tem estado a promover uma série de acções formativas do pessoal docente educativo, cuja finalidade ronda em volta da melhoria do rendimento escolar no nível de todo o país.

REFERÊNCIAS

ADELL, Jordi; SALES, A. (1999). El Profesor on-line: elementos para la definición de un nuevo rol docente. Actas de EDUTEC99. Sevilla: Universidad de Sevilla.

AMANTE, Maria João. (1999). A Formação pedagógica dos docentes do Ensino Superior. En: Revista Electrónica Interuniversitaria de formación del profesorado. Vol. 2 No. 1. En línea: <http://www.uva.es/ufop/publica/revelfop/99-v2n1.htm>

BALLESTER OREGAÑA, Cristóbal y TORRES BARSABAL, Luisa Ma. (2005). Algunas herramientas para la formación permanente en el siglo XXI. En: CD-ROM Memorias V Congreso Internacional Virtual de Educación. CIVE. España.

BÁXTER PÉREZ, Esther; AMADOR, A. y BONET, M. (2002). La Escuela y el problema de la formación del hombre. En: Compendio de Pedagogía. Ed. Pueblo y Educación. La Habana. p. 143-192.

BERMÚDEZ MORRIS, Raquel y PÉREZ MARTÍN, Lorenzo M. (2004). Aprendizaje formativo y crecimiento personal. Ed. Pueblo y Educación. Ciudad de La Habana. 417 p.

CEBRIAN DE LA SERNA, Manuel. (1997). Nuevas competencias para la formación inicial y permanente del profesorado. En: EDUTEC Revista Electrónica de Tecnología Educativa. No. 6, junio. En línea: <http://www.uib.es/depart/gte/revellec6.html>

DE LA FUENTE ANUNCIBAY, Raquel. (2005). Formación continua. Capacidades y competencias. En: CD-ROM Memorias del Congreso Internacional Virtual de Educación. CIVE. España.

DE LELLA, Cayetano. (1999). Modelos y tendencias de la formación docente. Conferencia del I Seminario Taller sobre el perfil del docente y estrategias de formación. Lima. Perú. En línea: <http://www.campus-oei.org/desarrolloescolar.htm>

DÍAZ BAZO, Carmen. (2004). La Formación permanente del docente. En: Revista-Estudios. En línea: <http://ciberdocencia.gob.pe/index.php>

FERNÁNDEZ MUÑOZ, Ricardo. (1994). Modelo de formación del profesor centrado en la Interacción comunicativa. En: Docencia e Investigación. Revista de la escuela Universitaria de Magisterio de Toledo. Año XIX, ene.-jun. p. 55 – 88.

FERRÁNDEZ, Adalberto. (2004). El Modelo contextual-crítico y el perfil profesional de los formadores. En: Agenda. Vol. 5, No. 1. En línea: <http://www.sadpro.ucv.ve/agenda/online/vol5n1/pn13cont04.html> .

FONSECA PÉREZ, Juan José. (2002). El Diseño curricular flexible y abierto un: una vía de profesionalización del docente. En CD-ROM II Congreso Internacional Virtual de Educación. CIVE. ISBN: 84-7632-744-7. España.

GALLEGO, Domingo J. y ALONSO, Catalina M. (2000). Formación de profesorado: nuevos canales y nuevos recursos. En: Génesis. No. 4. En línea: <http://www.genesis.amigomed.edu.co/revista/revista4/formacion.htm>

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DE ANGOLA. Reforma. Educativa INIDE. 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DE ANGOLA. Lei de Bases do Sistema da Educação em Angola de 31 de Dezembro de 2001.

<http://educar.no.sapo.pt/Insucesso.htm>

